

REVISTA USP: PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Lucia de Oliveira Almeida¹



A *Revista USP* é uma publicação da Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade de São Paulo. No período de março de 1989 a agosto de 1990, ao qual me detenho, teve Nelson Ascher como Editor-Chefe e contou com um Conselho Editorial que se manteve basicamente o mesmo, com pequenas alterações. Entre os nomes recorrentes encontram-se os dos Profs. Drs. Boris Schnaiderman, Decio de Almeida Prado, Fernando de Castro Reinach, Henrique Fleming, Regina Maria Prospero Meyer e o do Maestro Júlio Medaglia. De acordo com a revista, cabe ao Conselho Editorial a encomenda de artigos e também a decisão em relação à publicação ou não dos textos enviados espontaneamente.

A estrutura

Não há rigidez formal em relação à quantidade de artigos em cada fascículo, sendo que, nas primeiras revistas, este número variou entre 14 e 30, dispostos ao longo de mais ou menos duzentas páginas. A capa, sempre em tom pastel e cores escuras, dá à publicação um aspecto bastante austero; nela aparecem os nomes dos artigos e dos seus respectivos autores. Fazem parte da revista duas seções básicas, que figuram em todos os fascículos. São elas: Dossiê e Textos.

A seção Dossiê é composta por textos sobre um tema único. No primeiro fascículo, o Dossiê foi dedicado à Revolução Francesa e nos que se seguiram, os temas foram, respectivamente: tempo, 100 anos de República, música brasileira, cidades e Europa Central. Em Textos são publicados ensaios sobre temas variados e independentes entre si.

Existem ainda as seções Homenagem e Livros, que não aparecem em todos os fascículos. Nos primeiros, Homenagem foi dedicada a personalidades já falecidas: no

¹ Bolsista de Iniciação Científica — CNPq/PIBIC — UFSC.

segundo número, o homenageado foi Aurélio Buarque de Holanda; no terceiro, Paulo Leminski; e no sexto, Ruy Coelho. Já a seção Livros é formada por resenhas sobre títulos consagrados e recém lançados.

Os colaboradores

A revista conta com colaboradores de diversas áreas que, na sua maioria, são Professores Doutores da própria Universidade de São Paulo. Entretanto, além dos “uspianos”, também colaboram profissionais de outras instituições² e, em número bastante reduzido, autores sem vínculos institucionais.

Entre os colaboradores mais freqüentes encontram-se quatro integrantes do Conselho Editorial: Decio de Almeida Prado, Henrique Fleming, Júlio Medaglia e Regina Maria P. Meyer; e outros professores da USP como, por exemplo, Jacó Guinsburg, que além de ser um dos principais autores colaboradores, também realiza muitas traduções.

Temas

A *Revista USP* pretende ser “um veículo que procura dar vazão à produção acadêmica universitária, em primeiro lugar. Como órgão de imprensa que tem como meta fazer uma ponte entre a Universidade e a sociedade como um todo, seu projeto editorial privilegia a multidisciplinaridade”³. Essa vazão dá-se através da publicação de textos ligados desde à literatura ao esporte, da cultura à política, com ênfase às humanidades. Quanto à ligação entre sociedade e academia, a revista parece-me muito mais um produto do mundo acadêmico voltado para si mesmo do que para a “sociedade como um todo”, utilizando-se de uma linguagem própria dos meios universitários.

A seção Dossiê é um retrato do caráter multidisciplinar do periódico, contendo ensaios provenientes dos diversos departamentos da Universidade de São Paulo, o que resulta em diferentes abordagens do mesmo tema. Nos dossiês já indexados, a

² Nos números iniciais, colaboram profissionais da PUC-SP e RJ, da Universidade Nacional do México, da Fundação Casa de Rui Barbosa, da UFRJ, da UERJ, da UNICAMP, da Faculdade de Comunicação Social “Casper Líbero”, da Universidade Estadual Paulista, do Museu de Arte Contemporânea (MAC), do Centro Cultural São Paulo, da Universidade da Flórida, do Centro de Estudos e Pesquisas Karl Kleist, da Universidade de Cambridge, da UFSC e da Fundacem.

³ Página da *Revista USP* na internet (www.usp.br/geral/ccs/revistausp/home/home.html).

Revolução Francesa⁴ é analisada sob a ótica histórica, política e filosófica; o tempo⁵ é abordado segundo a visão da física, biologia, neurologia e do futebol; os 100 anos de República⁶ são estudados do ponto de vista da política, história, comunicação e literatura; os ensaios sobre a música brasileira⁷ versam sobre a nossa história musical, crítica, evolução tecnológica, indústria cultural, além das ligações entre a música brasileira, as artes plásticas e a poesia; na apresentação do Dossiê sobre as cidades do século XX⁸, os editores ressaltam o caráter multidisciplinar da publicação ao escreverem que, “neste dossiê interdisciplinar, caminha-se do genérico, cidades, para o particular, cidade — São Paulo”; e finalmente, no sexto Dossiê, sobre a Europa Central⁹, os ensaios apresentam estudos relacionados à região sob a luz da história, política, sociologia, literatura e psicanálise.

Embora o recorte de seis fascículos seja ainda pequeno para uma análise mais consistente dos dados, é possível observar alguns autores desenvolvendo um mesmo tema ao longo da publicação, como no caso de Jacó Guinsburg, que escreveu sobre o judaísmo, traduziu textos ligados ao assunto e contos ídiches, além de escrever apresentações sobre os respectivos autores e obras¹⁰.

O espaço da literatura

Uma forma de vislumbrar o espaço que a literatura ocupa na *Revista USP* é através das estatísticas referentes aos dados já indexados. Comparativamente, os ensaios sobre literatura são maioria dentre os textos publicados, representando 21,43% do total¹¹; com relação às palavras-chaves, a tendência também se confirma, sendo

⁴ *Revista USP*. Vol. 1. Dossiê Revolução Francesa. São Paulo: EdUSP, março, abril e maio 1989, p. 6-57.

⁵ Idem. Vol. 2. Dossiê Tempo. São Paulo: EdUSP, junho, julho e agosto 1989, p. 3-24.

⁶ Idem. Vol. 3. Dossiê 100 Anos de República. São Paulo: EdUSP, setembro, outubro e novembro 1989, p. 3-98.

⁷ Idem. Vol. 4. Dossiê Música Brasileira. São Paulo: EdUSP, dezembro, janeiro e fevereiro 1989-90, p. 3-84.

⁸ Idem. Vol. 5. Dossiê Cidades. São Paulo: EdUSP, março, abril e maio 1990, p. 3-66.

⁹ Idem. Vol. 6. Dossiê Europa Central. São Paulo: EdUSP, junho, julho e agosto 1990, p. 3-140.

¹⁰ Jacó Guinsburg escreve sobre a sua infância de menino judeu na América do Sul no artigo “O livro dos tempos: um percurso pessoal” (Vol. 1, p. 78-84), apresenta e traduz os contos ídiches “O ‘shtetl’ em pânico”, de I. L. Peretz, “Por onde vou começar”, de I. Bashevis-Singer e “A academia”, de Scholem Asch (Vol. 6, p. 131-136), faz a tradução do artigo “Do messianismo ao niilismo religioso — A metamorfose do messianismo herético no século XVIII”, de Gershom Scholem e emite nota sobre o autor (Vol. 2, p. 105-116).

¹¹ Os ensaios mais freqüentes são: literatura, 21,43%; cultura, 18,57%; política, 7,86% e filosofia, 5,71%.

“literatura” a primeira mais recorrente e “poesia”, a quarta¹². Embora a revista se dedique à análise de uma ampla diversidade de obras, devido ao recorte pequeno de fascículos, é ainda difícil perceber unidade no tratamento de algumas dessas literaturas, havendo, por enquanto, apenas a possibilidade de observar a preponderância do cânone literário na revista. Por isso, nestes apontamentos acerca do espaço da literatura no periódico, observarei o espaço ficcional e o de análise das literaturas latino-americana e brasileira.

Além de ser um veículo voltado para o estudo da literatura, a revista tem aberto espaço para obras de ficção de diferentes estilos e períodos. No primeiro fascículo, foram publicados textos de Francis Ponge¹³ e a “4ª ode Neméia”, de Píndaro; no segundo, o conto “O chapéu de meu pai”, de Aurélio Buarque de Holanda e o poema “Eis-me levado em dorso elefantino...”, de Khlébnikov; no terceiro, o conto “O velho Lima”, de Arthur Azevedo; no quarto, três crônicas de Manuel Bandeira, três crônicas e uma poesia de Pedro Dantas¹⁴, “Lamentações sobre meu velho robe”, de Denis Diderot e o poema “O naufrágio do Deutschland”, de Gerard M. Hopkins; e no sexto, a “Comédia claustrofóbica”, do dramaturgo Dusan Kovacevic, os contos “O shtetl em pânico”, de I. L. Peretz, “Por onde vou começar”, de I. Baschevis-Singer, “A academia”, de Scholem Asch, e “Esperança” e “Na montanha de vidro”, de Slawomir Mrozek.

A literatura da América Latina tem sido recorrentemente abordada, como demonstram os textos de Horácio Costa sobre obras dos escritores Severo Sarduy e Octavio Paz¹⁵, as reflexões de Irlemar Chiampi acerca das “metáforas impossíveis” do escritor cubano Lezama Lima¹⁶ e a análise de Jorge Schwartz do livro *Una Modernidad Periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, de Beatriz Sarlo, obra em que a escritora busca definir a “argentinidad”¹⁷.

¹² As palavras-chaves mais frequentes são: literatura, 9,93%; política 4,23%; história, 4,04 e poesia, 3,68%.

¹³ “Pluie”, “Le Feu”, “Le Morceau de Viande”, “L’Insignifiant”, “Le Paysage”, “Le Soleil Fleur Fastigiée”, “My creative Method”, “Borges de la Loire”, “Apocalissi”, “A la Rêveuse Matière” e “Notes Pour un Coquillage”.

¹⁴ As crônicas de Manuel Bandeira são: “Na câmara-ardente de José do Patrocínio Filho”, “O enterro de Sinhô” e metade da crônica “Sambistas”. As crônicas de Pedro Dantas são: “Sobre o carnaval”, “Cantares de carnaval” e “Coisas do carnaval”; e a poesia é intitulada “Auto-crítica”.

¹⁵ Horácio Costa analisa as obras “El Cristo de la Rue Jacob” e “Nueva Inestabilidad”, de Severo Sarduy, na resenha intitulada “A escritura como épura”, publicada no vol. 2, e “Sor Juana Inés de la Cruz o las Trampas de la Fe”, de Octavio Paz, na resenha intitulada “Octavio Paz, biógrafo”, publicada no vol. 5.

¹⁶ CHIAMPI, Irlemar. “O moderno e o contramoderno” Vol. 1, p. 121-127.

¹⁷ SCHWARTZ, Jorge. “Periferias Textuais” Vol. 3, p. 195-198.

Com relação à literatura brasileira, a revista mantém a tendência de abordagem à obras de autores consagrados como José de Alencar e Clarice Lispector, cabendo à obra machadiana o posto de mais analisada. João Alexandre Barbosa apresenta uma leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*¹⁸; já Luiz Roncari, entre outras coisas, realiza um estudo comparativo entre alguns aspectos de *Memórias* e do *Eclesiastes*; Antonio Candido escreve sobre a virada narrativa de Machado¹⁹ e Antonio Medina observa a “irradiação da aurora republicana em *Esau e Jacó* com o ressoar das opiniões de Machado nas páginas do romance”²⁰. Machado de Assis é também um dos autores mais citados na revista, sendo apenas superado por Karl Marx, Aristóteles e Oswald de Andrade²¹. Já a poesia faz-se presente na homenagem a Paulo Leminski, no texto de Affonso Romano de Sant’Anna relacionado à produção do poeta Murilo Mendes ligada à Proclamação da República²², na busca de Charles Perrone pelas afinidades entre a poesia concreta e a música popular brasileira²³ e na análise de Antonio Candido do poema “Louvação da tarde”, de Mário de Andrade²⁴. Vale ressaltar que a poesia aparece, freqüentemente, como ponte de ligação a outros temas.

A exceção à preponderância do cânone surge no artigo “Heterônimos e cultura das bordas: Rubens Lucchetti”, em que Jerusa Pires Ferreira pretende desvincular a obra deste autor de livros policiais e de terror da idéia de literatura marginal, associando-a à “cultura das bordas”. Contudo, a autora situa a obra de Lucchetti “numa faixa de transição” e afirma que “estudar um autor como ele conduz a que se procure entender o cânone desta literatura” voltada para os públicos populares. Quando Jerusa situa a obra do escritor nas bordas, e não no centro, e se refere ao “cânone desta literatura”, ela acaba por inserir a obra de Lucchetti, em relação à literatura tradicional, num lugar de exclusão. O artigo de Jerusa é exceção por abordar o trabalho de um autor voltado para uma faixa mais popular de público, o que não tem sido a tônica na *Revista USP*, entretanto, ao situá-lo nas bordas, ela discute, muito mais, uma mudança de nomenclatura do que de estatuto para a obra do autor.

¹⁸ BARBOSA, João Alexandre. “A volúpia lasciva do nada”. Vol. 1, p. 107-120.

¹⁹ CANDIDO, Antonio. “À roda do quarto e da vida” Vol. 2, p. 101-104.

²⁰ RODRIGUES, Antonio Medina. “Machado e a República tangível” Vol. 3, p. 79-88.

²¹ Os dez autores mais citados são: Karl Marx, Aristóteles, Oswald de Andrade, Machado de Assis, Mário de Andrade, Walter Benjamin, Platão, Haroldo de Campos, Homero e Hegel.

²² SANT’ANNA, Affonso Romano de. “A Proclamação e Murilo Mendes” Vol. 3, p. 95-96.

²³ PERRONE, Charles. “Poesia concreta e tropicalismo” Vol. 4, p. 55-64.

²⁴ CANDIDO, Antonio. “O poeta itinerante” Vol. 4, p. 157-168.

Falo de cultura das bordas e não das margens, para não trazer a noção pejorativa ou mesmo reversora de marginal ou de alternativa. Com “bordas” quero enfatizar a exclusão do centro, aquilo que fica numa faixa de transição entre uns e outros, entre as culturas tradicionais reconhecidas como folclore e a daqueles que detêm maior atualização e prestígio, uma produção que se dirige, por exemplo, a públicos populares de vários tipos, inclusive àqueles das periferias urbanas²⁵.

Neste texto tentei apresentar, é preciso dizer, mesmo que em versão bastante reduzida, uma amostragem descritiva do que foi a *Revista USP* nos seus primeiros tempos. O trabalho de pesquisa no projeto “Poéticas Contemporâneas: histórias e caminhos” continua e, daqui para frente, deverei concentrar-me no espaço que o periódico dedica à literatura, havendo sempre a possibilidade de relações interdisciplinares, constatado o caráter multidisciplinar da revista.

²⁵ Artigo publicado no vol. 4, p. 169-174.